

# A representação identitária de contos de Lima Barreto articulada ao sistema semiótico discursivo

*The identity representation of tales by Lima Barreto articulated to the discursive semiotic system*

Stefânia Santos\*

**Resumo:** O presente artigo propõe discorrer, com base em reflexões de natureza semiótica, o sentido apreendido especificamente na Semiótica Discursiva para a análise de contos literários. Os estudos pontuam elementos de nível narrativo, o *fazer* do actante e os valores almejados. Para o nível discursivo voltamos-nos à sintaxe discursiva, visando os mecanismos de projeção da enunciação, à imagem do enunciador e enunciatário e aos processos argumentativos constituintes do enunciado. O trabalho, no entanto, percorreu mais uma trajetória de análise discursiva da semântica discursiva, então delimitamos-nos ao processo de Figurativização para examinar as figuras presentes no discurso, como a iconização, a isotopia e a temática do texto. O material empregado para a abordagem teórica são dois contos de autor Lima Barreto, *Harakashy e as escolas de Java* e *Um músico extraordinário*. O papel da análise não se detém nas particularidades semióticas, mas vai além para identificar os desdobramentos da representação no plano do conteúdo e indicar a relação entre os sujeitos instalados e os fatores de ruptura social constituintes do discurso.

**Palavras-chave:** Semiótica Discursiva. Enunciação. Figuratividade. Literatura.

---

\* Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

**Abstract:** *This article proposes to discourse, based on reflections of Semiotic nature, the sense apprehended specifically in Discursive Semiotics for the analysis of literary tales. The studies punctuate elements of narrative level, the doing of the actant and the desired values. For the discursive level we return to the discursive syntax, aiming at the projection mechanisms of the enunciation, the image of the enunciator and enunciate and to the argumentative processes constituent of the enunciate. The work, however, went through a further discursive analysis of discursive semantics, then we delimit ourselves to the process of Figurativization, to examine the installed figures present in the discourse, as the iconization, the isotopy and the thematic of the text. The material used for the theoretical approach are two short stories by author Lima Barreto, “Harashy e as escolas de Java” (Harakashy and the schools of Java) and “Um músico extraordinário” (An extraordinary musician). The role of analysis does not stop at the semiotic particularities, but goes further to identify the developments of the representation in the content plane and to indicate the relation between the installed subjects and the social rupturing factors constituent of the discourse.*

**Keywords:** *Discursive Semiotics. Enunciation. Figurativity. Literature.*

## Introdução

Em sua jornada, o jornalista e literato Lima Barreto, escritor brasileiro, enriqueceu a literatura com um acervo admirável de narrativas, inerentes à ideologia de comunicar acontecimentos da vida cotidiana enfatizando as relações problemáticas sociopolíticas do cenário brasileiro em meados de 1918 a 1922. Defendeu na representação ficcional seu ponto de vista que, objetivamente, propõe revelar a “realidade” moral e social de sujeitos ocupantes de cargos institucionais ou de áreas afins, destacando-se também por inserir aquele sujeito “comum”, até então despercebido. Diante dessas inferências, desenvolvemos uma análise com a finalidade de verificar quais são as críticas à conduta de cidadãos “comuns” em contraste com sujeitos que gozam de privilégios.

Os contos previamente selecionados foram “Harakashy e as escolas de Java” e “Um músico extraordinário”, organizados por Schwarcz (2010) na obra *Contos Completos de Lima Barreto*. Propomos desse modo pontuar elementos que atribuem sentido à narrativa, elementos constituintes de traços inerentes em relação ao *fazer* do sujeito, instaurados por mecanismos analisáveis em nível discursivo. Sobre o *fazer*, consideramos a sucessão de ações em busca do objeto de valor conforme pontua Barros (2005, p. 20):

A semiótica parte dessa visão espetacular da sintaxe e propõe duas concepções complementares de narrativa: narrativa como mudança de estados, operada pelo fazer transformador de um sujeito que age no e sobre o mundo em busca dos valores investidos nos objetos [...].

Com o propósito de especificar a formação do ponto de vista do autor, partimos das escolhas do sujeito da enunciação para interpretarmos as relações argumentativas inferidas pelo enunciador no discurso a fim de persuadir seu enunciatário. Como pontua Barros (2005) o discurso é projetado a partir das escolhas de um sujeito que tem o objetivo de persuadir o outro:

[...] O sujeito da enunciação faz uma série de opções para projetar o discurso, tendo em vista os efeitos de sentido que deseja produzir. Estudar as projeções da enunciação é, por conseguinte, verificar quais são os procedimentos utilizados para constituir o discurso e quais os efeitos de sentido fabricados pelos mecanismos escolhidos (BARROS, 2005, p. 54).

Procuramos pontuar as semelhanças entre as obras, ou seja, a recorrência de traços semânticos e figurativos ligados aos procedimentos argumentativos, mas que projetam um sujeito investido em valores como *querer*, *saber* e *fazer*. Os valores construídos na narrativa abstrata e investidos nas figuras em nível discursivo são desencadeadores da busca, fomentam a ação em torno dos objetos-valores e promovem novos desdobramentos do percurso dos sujeitos. O valor e o percurso recebem no nível discursivo carga semântica e figurativa e sobre essa questão recorreremos a Barros (2005), para pontuar os elementos componentes desse processo:

Os valores assumidos pelo sujeito da narrativa são, no nível do discurso, disseminados sob a forma de percursos temáticos e recebem investimentos figurativos. A disseminação dos temas e a figurativização deles são tarefas do sujeito da enunciação. Assim procedendo, o sujeito da enunciação assegura, graças aos percursos temáticos e figurativos, a coerência semântica do discurso e cria, com a concretização figurativa do conteúdo, efeitos de sentido sobretudo de realidade (BARROS, 2005, p. 66).

A base teórica deste trabalho está fundamentada no método formulado por Greimas para a Semiótica Padrão, respaldando-nos em específico nos trabalhos de Barros, *Teoria Semiótica do Texto* (2005) e Fiorin: *Elementos de Análise do Discurso* (2006). Desse modo, propomos verificar a construção

semiótica discursiva em textos narrativos de Lima Barreto para investigar os elementos constituintes do sentido.

## A investigação e o método

Seguindo a linha de pesquisa teórica da Semiótica greimasiana, destacamos no trabalho juntamente a vertente da Semiótica Discursiva, que visa o patamar mais superficial do percurso gerativo do sentido. O texto narrativo pressupõe uma contrução com bases no nível fundamental tendo em vista as oposições fundamentais observadas no patamar mais profundo do percurso gerativo de sentido. Em conformidade aos conceitos observados, a narrativa analisada compreende uma oposição fundamental mínima, posto que temos nos textos selecionados: liberdade vs. dominação, ambas analisadas na base elementar dos textos.

O nível narrativo e posterior destaca-se pela sequência de programas narrativos, complexos ou simples, e é organizado por um encadeamento lógico pressuposto por um programa narrativo. Para Barros (2005, p. 29), “o encadeamento lógico de um programa de competência com um programa de performance constitui, por exemplo, um percurso narrativo, denominado percurso do sujeito”.

Destaca-se por abranger uma sintaxe e uma semântica narrativa, com ênfase nos enunciados de estado e de fazer do sujeito. Compreende o nível narrativo, ainda, o programa de competência, de performance, da manipulação e da paixão do sujeito de estado que *sofre*, gerando no sujeito o *poder-fazer* que encaminha a um *agir* em função da conjunção com o objeto de valor. A pesquisadora discorre sobre o segundo patamar:

No segundo patamar, nível das estruturas narrativas, os elementos das oposições semânticas fundamentais assumidos como valores por um sujeito circulam entre sujeito graças à ação também de sujeitos. Ou seja, não se trata mais de afirmar ou de negar conteúdos, de asseverar a liberdade e de recusar a dominação, mas de transformar, pela ação do sujeito, estados de liberdade ou de opressão (BARROS, 2005, p. 15).

Por fim, temos a sanção, que instaura o percurso do destinador-manipulador, aquele que manipula o sujeito com atribuições de competência

modal, e diante das realizações bem sucedidas desse sujeito, há um julgamento, positivo ou negativo, atribuído ao destinador-julgador responsável pela sanção cognitiva e pragmática. Barros (2005) expõe no excerto a seguir característica das formas de sanção:

[...] O primeiro, responsável pela sanção cognitiva, que leva ao reconhecimento do “herói” e ao desmascaramento do “vilão”; o segundo, encarregado da sanção pragmática, que culmina na retribuição, sob a forma de recompensa ou punição. A sanção pragmática pressupõe a cognitiva e caracterizam-se, ambas, como programas de doação de valores, modais e descritivos, que modificam o ser do sujeito (BARROS, 2002, p. 39).

O nível narrativo apresenta construções abstratas projetadas nas estruturas discursivas do nível discursivo, quando instaladas pelo sujeito da enunciação. Não nos aprofundaremos nesse conceito já que a finalidade deste trabalho é a análise do nível discursivo. Os discursos selecionados apresentam-se para uma leitura englobante quanto à recorrência de traços, repetições e de dados semânticos abstratos, esses formam a compreensão geral e retomam os valores presentes. A intenção é permitir ao leitor assimilar os dados narrados para discriminar o tipo textual interpretado.

O nível discursivo abrange ainda uma interpretação mais “realista” do universo do homem devido à construção Temática e Figurativa, que concretiza o discurso abstrato. O discurso figurativo, por sua vez, projeta figuras representadas por atores que buscam conquistar um objeto de valor, e devido a recorrências dos traços isotópicos, constroem um simulacro de verdade em consequência da ilusão referencial permitida pela leitura figurativizada, conforme pontua a especialista: “[...] a figuração é a instalação das figuras, ou seja, o primeiro nível de especificação figurativa do tema, quando se passa do tema à figura: a iconização é o investimento figurativo exaustivo final” (BARROS, 2005, p. 69).

O nível discursivo pressupõe a organização temática abstrata do nível narrativo e se recobre com traços semânticos e figurativos, concretizando-se e se apresentando no discurso as figuras semióticas. O nível discursivo preocupa-se em revestir as figuras abstratas iconizando-as. Em outras palavras, “[...] a iconização que, tomando as figuras já constituídas, as dota de investimentos

particularizantes, suscetíveis de reproduzir a ilusão referencial” (GREIMAS; COURTÈS, 1979, p. 223), um procedimento exaustivo que tem a função de produzir a ilusão do objeto referencial, como, por exemplo, dos actantes, conferindo-lhes o papel de atores: Harakashy, Ezequiel e Mascarenhas.

Parte-se de um discurso figurativizado, mas direcionado à construção do sujeito em função da relação de conjunção de uma busca por seu objeto de valor. Fiorin (2006) explora o revestimento das formas abstratas e os objetos-valores esclarecendo que, “[...] no nível discursivo, as formas abstratas do nível narrativo são revestidas de termos que lhe dão concretude. Assim, a conjunção com a riqueza aparecerá no nível discursivo como roubo de jóias, recebimento de uma herança [...]” (FIORIN, 2006, p. 29).

No nível semântico-discursivo atua a figurativização das cenas discursivas, entendendo-se por figurativização os procedimentos em que o percurso das figuras inseridas no enunciado, que compreende temas abstratos ou figurativos, é concretizado.

Igualmente, os procedimentos do campo semântico englobam, segundo Barros (2005, p. 66), a Tematização e a Figurativização. A primeira está relacionada à coerência semântica e à recorrência de traços sêmicos: “[...]tematizar um discurso é formular os valores de modo abstrato e organizá-los em percursos. Em outras palavras, os percursos são constituídos pelas recorrências de traços semânticos ou semas concebidos abstratamente” (BARROS, 2005, p. 66).

O discurso tematizado pressupõe a reiteração de temas devidamente recobertos por figuras, e o processo de Figurativização compreende as figuras do conteúdo, que, após recobrirem o discurso temático, isto é, um discurso temático abstrato, conferem-lhe traços desde o processo de ancoragem, iconização até a linha isotópica figurativa,

A disseminação dos temas e a figurativização deles são tarefas do sujeito da enunciação. Assim procedendo, o sujeito da enunciação assegura, graças aos percursos temáticos e figurativos, a coerência semântica do discurso e cria, com a concretização figurativa do conteúdo, efeitos de sentido sobretudo de realidade (BARROS, 2005, p. 66).

A sintaxe discursiva visa à projeção da enunciação, pois coloca em ato uma instância enunciativa, pressuposta, que deixa marcas no discurso. Fiorin (2006) estuda a questão das marcas enunciativas inseridas pelo discurso e aponta: “a enunciação é o ato de produção do discurso, é uma instância pressuposta pelo enunciado (produto da enunciação). Ao realizar-se, ela deixa marcas no discurso que constrói” (FIORIN, 2006, p. 38). A particularidade das projeções da enunciação são escolhas do enunciador e se dirigem para as transformações dos sujeitos.

Temos assim os mecanismos de debreagem e embreagem, resultantes da instauração de uma enunciação-enunciada que projeta um “eu, aqui e agora” ou um “ele” no espaço do lá e no tempo do então. Seguindo essa proposição no discurso, Fiorin (2006) explana os mecanismos de projeção:

Se a enunciação se define a partir de um eu-aqui-agora, ela instaura o discurso-enunciado, projetando para fora de si os atores do discurso, bem como suas coordenadas espaço-temporais. Utiliza-se, para constituir o discurso, das categorias de pessoa, de espaço e de tempo. Nesse processo, faz uso de dois mecanismos básicos: a debreagem e a embreagem (FIORIN, 2006, p. 40).

A debreagem actancial, espacial e temporal inclui um eu, um aqui e um agora no enunciado, e a embreagem actancial, temporal e espacial designa um ele no espaço do lá e no tempo do então, “Uma vez que a enunciação é a instância da pessoa, do espaço e do tempo, há uma debreagem actancial, uma debreagem espacial e uma debreagem temporal.” (FIORIN, 1995, p. 27).

O discurso, o texto narrado, pode apresentar dois tipos de enunciado, como a enunciação-enunciada, quando há a delegação de voz a um sujeito instaurado em quem se projeta o *eu* no momento da fala: usa-se o discurso direto, uma debreagem de segundo grau. Outro recurso para formar um enunciado-enunciado remete-se ao discurso indireto ou indireto livre pela escolha de uso da terceira pessoa *e/le*: ambos os procedimentos são debreagens internas. Conforme Fiorin (2006, p. 46), “as debreagens internas são responsáveis pela produção de simulacros de diálogos nos textos, pois estabelecem interlocutores, ao dar voz a atores já inscritos no discurso”.

Os conceitos observados neste tópico serão abordados na análise dos contos e têm por objetivo descrever as relações entre os actantes-sujeitos

instaurados, os mecanismos de projeção da enunciação para o ato discursivo entre os sujeitos, bem como o investimento figurativo e temático como simulacros de ilusão da realidade construídos por mecanismos linguísticos.

## **A representação: efeito de realidade e um fazer ideológico**

Com base em uma Semiótica Discursiva, propomos identificar as escolhas do enunciador segundo a contemplação de mecanismos discursivos para a construção do sentido dos contos. Em nossa análise, nomearemos *Harakashy e as escolas de Java* como texto (1). Assim iniciaremos a análise da epígrafe, pois esta compreende o conceito geral proposto naquele discurso. Entretanto, o título, o discurso narrado e a epígrafe formam uma tríade interpretativa, constituinte da temática global. Na “voz” do enunciador temos a epígrafe: “tudo o que este mundo encerra é propriedade do brâmane, porque ele, por seu nascimento eminente, tem direito a tudo o que existe. Código de Manu” (BARRETO, 2010, p. 152).

O lexema *tudo* implica o conjunto de sujeitos pertencentes àquele *mundo*, por consequência, os brâmanes. É necessário considerarmos a cultura brâmane para a construção do sentido. Ela se constitui na doutrina hierárquica social definida pelo sistema de castas, estas que nomeiam sujeitos e delimitam o espaço social e econômico: os membros das castas são “marcados” por esse sistema quando nascem.

A casta remete à metáfora englobante do corpo de Brahma, uma figura semanticamente construída para conceituar a divisão social. O sujeito nascido da cabeça de Brahma recebe a casta de brâmane, e no conjunto de sujeitos apresentados na narrativa temos: os letrados e os sacerdotes, contrapondo os xátrias, vaixás e os sudras, que ocupam as partes mais baixas do corpo de Brahma, desde os braços aos pés; já os sudras classicam-se como camponeses e operários. A expressão *nascimento eminente* refere-se ao sujeito brâmane nascido na casta superior, ou seja, na cabeça de Brahma, possuidor de valor hierárquico desejável, esse detém poder sobre os desprivilegiados. Assim sendo, o ciclo fechado aprisiona e limita o sujeito de todas as formas.

A narrativa insere o actante-sujeito *Harakashy* projetado segundo a perspectiva do enunciador: “na minha peregrinação sentimental por este mundo,



fui ter, não sei como, a cidade de Batávia, na ilha de Java” (BARRETO, 2010, p. 152). O enunciador projeta-se no enunciado, mas como narrador-destinador e no papel actancial de amigo, trazendo à narrativa a temporalidade marcada por debreagem temporal: usa-se o pretérito perfeito, imperfeito e o presente, os quais apreendem o espaço temporal da rememoração de um passado, da continuação em relação ao passado, concomitante ao momento passado e à atualização do sujeito, momento concomitante ao presente no enunciado. O narrador-amigo tem o papel de relatar os acontecimentos.

O pronome possessivo *minha*, por seu turno, instaura o enunciador no enunciado, e o tempo pretérito perfeito *fui ter* direciona a uma debreagem temporal concomitante ao momento de referência passado: o actante-sujeito encontra-se com a cidade referenciada por Batávia, o espaço físico onde se passam as ações. Os antagonistas, ou anti-actantes, têm como função desviar o actante de seu percurso: compreendem na narrativa a classe de burgueses, acadêmicos, médicos e políticos. Todas as figuras discursivas recebem carga semântica e temática para figurarem valores de nível narrativo, a *posse* e o *poder* de liderança sobre os demais.

A manipulação para a representação de sujeitos com valores negativos no discurso parte das escolhas persuasivas do narrador-destinador e se destaca no enunciado-enunciado pelos valores representados pelo grupo de: *acumuladores, honestidade suspeita, leguleios afreguesados, ricos e desavergonhados*. Acrescentamos ainda o ponto de vista do narrador-destinador:

O sujeito que é acadêmico tem facilidade em arranjar bons empregos na diplomacia, na alta administração; e a grande burguesia da terra, burguesia de acumuladores de empregos, de políticos de honestidade suspeita, de leguleios afreguesados, de médicos milagrosos ou de ricos desavergonhados, cujas riquezas foram feitas à sombra de iníquas e aladroadas leis — essa burguesia, continuando, tem em grande conta o título de membro da academia, como todo outro qualquer, e o acadêmico pode bem arranjar um casamento rico ou cousa equivalente [...]. (BARRETO, 2010, p. 153-154).

O excerto acima retoma a construção no enunciado da facilidade em fazer parte do grupo anti-actante. Nele se lê a manipulação que simula que o sujeito

acadêmico tem competência e performance para alcançar o desempenho necessário. Na “voz” do narrador-destinador a academia é o lugar para formar “anti-actantes”. As figuras de retóricas preservam o sentido conotativo interpretado no discurso: a metáfora, a ironia, a ilustração, a hipérbole e o eufemismo (texto 2) são algumas construções manifestadas no plano do conteúdo, selecionadas pelo enunciador com o intuito de causar o estranhamento e a impressão cômica sugerida no discurso.

Já a ironia metaforizada remete às expressões pejorativas, de “deboche”, de ações praticadas pelo anti-sujeito, mas também infere um fazer crítico e reflexivo direcionado à interpretação do enunciatário. A intenção do discurso é levar ao leitor as crenças ideológicas, um universo cultural, para que ele o associe ao mundo de conhecimento adquirido fora da leitura.

O discurso desdobra-se na fala do narrador-destinador quando se instaura por debreagem um *ele*. Contudo quando há marcação do tempo presente, temos a presença do narrador-amigo para comentar sua própria narração e adicionar valores ao protagonista. Sendo assim, instaura-se um *eu* que narra e participa da história, efeito de discurso subjetivo possível pelos traços linguísticos observados como bases marcantes da presença de um locutor de forma subjetiva.

Os valores almeçados por *Harakashy*, texto (1), são o de cursar a universidade e ter posse do diploma oferecido pela escola de Sapadores, e como resultado sair de uma situação de pobreza e alcançar uma posição socioeconômica digna. Ele quer entrar em conjunção com aqueles valores, uma vez que está em estado de disforia.

Como todo moço que tem legítimas ambições naquele recanto do nosso planeta, Harakashy, um javanês que foi muito meu amigo mais tarde, conseguiu entrar para a Escola dos Sapadores, a fim de acreditar-se na sociedade em que vivia, e ter o seu lugar sob o sol, com o título que a faculdade dava (BARRETO, 2010, p. 159).

As propostas conceituadas para os diferentes cursos responsáveis por graduar o sujeito são expostas com certo tom de ironia na voz do narrador-destinador, o qual gradualmente expõe o discurso manipulador e *falso* criado

pelo enunciado para manifestar um valor positivo sobre Harakashy. O narrador descreve-o acrescentando expressões metafóricas:

Existe uma universidade com três faculdades superiores: a de "Sapadores", a de "Cortadores", e a de "Físicos". Os cursos destas faculdades duram cerca de cinco anos, mas cada uma delas tem um curso menor, de dois ou três anos. A de "Sapadores" tem o de "consertadores de picaretas"; a de "Cortadores", o de "embrulhadores"; e a de "Físicos", o de "cobradores". (BARRETO, 2010, p. 158).

A primeira faculdade é a de "sapadores", uma inferência à função exercida por soldados ao realizar o trabalho de sapa, ou seja, abrir trincheiras ou algo assim. Todavia, o termo "sapadores", com o uso das aspas, apresenta o sentido que contradiz a leitura denotativa, agregando-lhe outro sentido: os "sapadores" são anti-actantes, sujeitos aproveitadores, enquanto os "cortadores", "embrulhadores" e "físicos" recebem a carga semântica de enganadores, isto é, todos representantes do grupo com valor negativo.

A figurativização permite recobrir a temática figurativa do percurso do sujeito por redundância de traços associados a ele. Sendo assim, torna-se responsável por estimular a construção imaginária dos sujeitos da narrativa. Analisando-se os sintagmas adjetivais moço, javanês, malaio e de sangue holandês, todos *sintagmas nominais de categoria própria destinam-se a Harakashy*, e a menção da nacionalidade e as origens enquadram o ator em uma determinada etnia: "era malaio com muitas gotas de sangue holandês nas veias, mas sem fortuna nem família" (BARRETO, 2010, p. 159).

O narrador-amigo revela os saberes de *Harakashy* pressupondo-o competente para entrar na acadêmia: "entretanto, eu o conheci e o senti muito inteligente, culto, amigo dos livros e todo ele saturado de anseios espirituais. Gostava muito de filosofia, de letras e, sobretudo, de história" (BARRETO, 2010, p. 159). O percurso do actante-sujeito do *querer* ora virtualizado atualiza-se a novos estados: primeiro a euforia, o desejoso sonho de cursar a universidade é realizado, em conjunto com o objeto, a escola de Sapadores. Descrevem-se as emoções que inserem o efeito de manipulação pelo discurso do narrador-manipulador: "acreditar-se na sociedade em que vivia, e ter o seu lugar sob o sol" (BARRETO, 2010, p. 159). O contraste negativo apresenta-se ao se interpretar o fazer acadêmico voltado apenas à casta maior, uma hierarquia

formada pelo não saber. O sujeito persuadido pelo *dever-fazer* (atualizado) e confrontado à sua classe social dos “sem fortuna nem família” passa ao *não saber-fazer* (não-realizado) quando em direção ao objetivo de valor e no processo para alcançá-lo torna-se um sujeito “reprovado”.

Os novos desdobramentos, a transformação na narrativa encadeia o percurso do destinador-manipulador: “no começo, as cousas foram indo, ele passou; mas, em breve, Harakashy desandou e foi reprovado umas dez vezes na universidade. Em absoluto, não houve injustiça” (BARRETO, 2010, p. 159). Na voz do narrador-amigo atribui-se a recusa do contrato, sua quebra devido ao fato de os valores do sujeito Harakashy não serem os mesmos daquele grupo. Esse argumento “segrega” duas classes: a favorecida pela “corrupção interna” e a excluída pelo “preconceito”:

O meu amigo nada sabia, porque ingenuamente deduzira dos fatos que a principal condição para ser aprovado, nos exames de Java, é não saber. Enganava-se, porém, supondo que tal homenagem fosse prestada a todos. Recebem-na os filhos dos grandes dignitários da colônia, dos ricos, dos homens de negócios que sabem levantar capitais; mas escolares que não têm tal ascendência, como o meu amigo, estão talhados para engrossar a estatística dos reprovados, a fim de comprovar o rigor que há nos estudos da Universidade de Batávia (BARRETO, 2010, p. 159).

A manipulação intimida *Harakashy* e nega o *saber* do sujeito, que mesmo dotado de um *saber* não o pratica, desvinculando-o daquele sistema de valores. O sujeito tem competência, mas não performance, a conjunção não acontece e o estado disfórico continua. Diante de uma sanção negativa o sujeito é levado a continuar no nível hierárquico de origem e a atuar no papel de professor: “[...] ensinava para vestir-se e comer [...]. Aos profundos, parecerá vão; aos superficiais, parecerá tolo — tão grandes consequências para tão fracas causas” (BARRETO, 2010, p. 160). O sujeito Harakashy representante do povo contrasta-se com as diferenças socioeconômicas impostas por ambiciosos burgueses. O discurso revela a segregação espacial, moral e financeira entre a classe burguesa e aqueles rebaixados à linha da marginalidade.

A análise do conto (2), *Um músico extraordinário*, segue uma trajetória parecida, porém há contrastes. A representação figurativa, em nível discursivo

do sujeito, é semanticamente revestida para que os sujeitos figurem nos papéis de Ezequiel e Mascarenhas, amigos que se reencontram após anos separados. O discurso inicial projeta-se na voz do enunciador, que cede a voz ao narrador-personagem, instaurando-se a debreagem enunciativa actancial, projetada pelo pronome *nós*.

Parte da narrativa é projetada em debreagem enunciativa, ou seja, projetar-se um *e/le* para narrar as cenas de lembranças, memórias do passado, instaurando-se também a debreagem actancial, temporal e espacial figurativizada:

Quando andávamos juntos no colégio, Ezequiel era um franzino menino de quatorze ou quinze anos, triste, retraído, a quem os folguedos colegiais não atraíam. Não era visto nunca jogando "barra, carniça, quadrado, peteca", ou qualquer outro jogo dentre aqueles velhos brinquedos de internato que hoje não se usam mais (BARRETO, 2010, p. 212).

O discurso instaurado pelo enunciado-enuncivo e pretérito perfeito e imperfeito propõe um sentido de continuidade entre as ações dos amigos, e a lembrança do passado interrompe-se com o acréscimo da realidade marcada no tempo presente e pela referência temporal "hoje". A recorrência de isotopia figurativa permite a leitura semiótica dos traços de estado e físico do ator "*Ezequiel, e franzino menino de quatorze ou quinze anos, triste, retraído*", constrói-se por iconização. O narrador também é o amigo sob a voz de um narrador-destinador.

O narrador-amigo figura o papel de Ezequiel: temos um amigo, instaura-se um narrador e um narratário. Os perfis de Ezequiel e Mascarenhas são diferentes e definem o foco perceptivo dos sujeitos: "quando todos nós líamos José de Alencar, Macedo, Aluísio e, sobretudo, o infame Alfredo Gallis, ele lia a Ilha misteriosa, o Heitor Servadac, as Cinco semanas em um balão e, com mais afinco, as Vinte mil léguas submarinas" (BARRETO, 2010, p. 212).

Mascarenhas é familiarizado com a reminiscência da literatura brasileira projetada na formação tradicional, mas Ezequiel prefere a literatura ficcional, segue a construção imagética de aventura, ação e de um futuro idealizado. O cenário do trajeto de Mascarenhas projeta-se na figura espacial do subúrbio: ali é sua realidade. Em volta de um percurso direcionado à casa de um amigo, já

na fase adulta, põe-se a caminho da região de Botafogo, organizada semanticamente para representar o espaço da classe alta: “como todo o sujeito que é rico ou se supõe ou quer passar como tal, o meu amigo morava para as bandas de Botafogo” (BARRETO, 2010, p. 213).

O deslocamento direciona ao novo percurso narrativo: o encontro entre Mascarenhas e Ezequiel Beiriz no bonde. Ao passar o “Lírico” e a rua “Treze de Maio”, o encontro surpreende e ambos mantêm um diálogo focalizado na vida de Ezequiel. Nesse momento instala-se a debreagem enunciativa de segundo grau para dar voz aos interlocutores do discurso e aproximar a construção enunciativa da “fala real”, que também se destaca pela subjetividade.

O discurso entre os amigos explora as idas e vindas de Ezequiel em universidades, e sua busca por uma formação menos criteriosa é o objetivo ou o objeto de valor almejado “Aborrecia-me aquela ‘chorumela’ de direito... Aquela vida solta de estudantes de província não me agradava... São vaidosos...A sociedade lhes dá muita importância, daí...” (BARRETO, 2010, p. 215). Compreende-se no discurso manifestado a construção de sentido negativo aos valores da sociedade acadêmica de direitos, os traços de valores desses não importam ao sujeito Ezequiel.

Quando ele tenta cursar outro programa de formação superior, como a pintura praticada na escola de Belas-Artes, ele se decepciona: “ora! Deram-me uns bonecos de gesso para copiar.... Já viste que tolice? Copiar bonecos e pedaços de bonecos. Eu queria a coisa viva, a vida palpitante...” (BARRETO, 2010, p. 215). O sujeito também rejeita a padronização das atividades pedagógicas, contudo, querendo, ainda, formar-se para poder se expressar na sociedade. Tenta ser repórter, jornalista, dramaturgo, mas não apresenta resultados. Decide desistir de todos os cursos e não se arrepende. Questionado, defende-se como sujeito “honesto intelectualmente”: “não tive nenhuma dor de coração em largá-las e ficar à toa vivendo ao deus-dará” (BARRETO, 2010, p. 215-216).

O novo querer-ser do sujeito direciona-o à literatura e à arte. A mistura de ideias budistas; a iluminação do homem; a liberdade de expressão; a escatologia e o conhecimento sobre o fim dos tempos formulam posições ideológicas distintas sobre conceitos e crenças religiosas. Decidido produz uma revista com

aqueles temas, não tem resultados satisfatórios: sem um direcionamento temático o sujeito admite estar disjunto dos próprios valores, compreende-se o papel de actante não performático.

Ao perder tudo decide viajar para Hamburgo e se matricula no observatório. “Não. Mas continuei a viagem até Hamburgo, em cujo conservatório me matriculei. Não me dei bem nele, passei para o de Dresden, onde também não me dei bem” (BARRETO, 2010, p. 217). A busca continua e finalmente desiste: “Não. Nada sei, porque não encontrei um conservatório que prestasse” (BARRETO, 2010, p. 217).

Os contos integram mediante as ações e as “escolhas” dos sujeitos em oposição aos valores negados, e o desdobramento é direcionado para a liberdade de *ser*. Aos papéis actanciais, os actantes-sujeitos, revestidos com carga semântica e figurativa, recobrem os estados e as transformações do percurso para a realização do “sonho” acadêmico: cursar a universidade.

Porém, tais valores são negados (texto 1) e recusados (texto 2). No texto (2), o sujeito recusa-se a participar de uma formação ideológica “engessada”, própria a um determinado grupo elitista. O enunciador explora a narrativa da jornada contínua do sujeito Ezequiel a fim de se desvincular da incompletude que o acomete em meio à imposição de regras e objeções que desprestigiam a liberdade de expressão, e como consequência desilude-se pela frustração.

Mesmo diante de textos distintos, a temática principal se projeta a partir de valores desejados: a busca por conjunção e euforia com esses valores, apresentando a liberdade de *ser/existir*, mas destacando-se o contrastante, o sentindo oposto e imposto pela opressão implícita e explícita para distinguir os sujeitos pertencentes ao mesmo grupo social, condicionando-os às divisões hierárquicas.

## **Conclusão**

Procuramos apresentar a análise dos elementos constituintes do conto literário com vistas a uma aproximação entre os discursos manifestados. A análise semiótica descreveu as figuras semanticamente revestidas e as ações com o objetivo de almejar um objeto de valor, compilando-o na sanção final.

Ambos os textos cotejados apresentaram um discurso semelhante: os actantes-sujeitos estavam voltados ao fazer acadêmico em maior ou menor medida. Entretanto, prevaleceram as desvantagens do processo de cursar uma universidade e o insucesso do sujeito, em conjunção com o estado de disforia.

Projetam-se, no nível discursivo, mecanismos de debreagem actancial, espacial e temporal. Os textos abrangem o uso da primeira pessoa para identificar a presença do narrador-amigo ou actante-amigo e do discurso dos interlocutores. Temos também um destinador-narrador e amigo nas duas narrativas, mas um figurado e outro projetado implicitamente; ambos, porém, participando da narrativa. A narrativa de rememoração projeta a terceira pessoa, pois faz uso de tempos verbais no pretérito perfeito e imperfeito, dialogando outrora com o presente.

O destinador-narrador, em nível discursivo, enuncia-se conforme relata a narrativa: ele faz comentários sobre os sujeitos e anti-sujeitos de modo a preservar um e a ironizar a passagem do outro. Temos por parte do processo de iconização o mundo ficcional construído no interior do discurso, mas desenvolvido para ser reconhecido pelo enunciatário/o leitor pressuposto, uma vez que ilustra as imagens percebidas no “mundo natural”.

Os sujeitos, atores, mantêm sua “essência” de liberdade rompendo com os paradigmas “prisionais” nos dois contos: um torna-se professor e o outro continua o percurso da vida, sem se prenderem, os dois, às obrigações sociais. No conto (2), o enunciador revela a partir da literatura ficcional a reflexão sobre a liberdade de expressão para uma perspectiva visionária de mudança das práticas pedagógicas. Já no texto (1), o sujeito entrega-se à literatura, em que encontra o seu refúgio, alento diante da negação da participação social.

O discurso (1) abrange uma temática metaforizada do “poder” elitista, este que no texto (2) é implicitado pelas idas e vindas da relação acadêmica prevista nas ações do sujeito. Ambos destacam a ideia de afastamento entre as classes sociais. Ademais, são as escolhas do enunciador que acionam um percurso de disjunção de valores entre actantes e anti-actantes, o qual destaca o empoderamento desse último.



A delegação de voz ao longo dos enunciados instaura ora a objetividade em passar as informações ao leitor sob a construção de enunciados projetando narrador/narratário, ora projeta o efeito de proximidade compreendido no discurso direto entre interlocutor/interlocutário. A persuasão comunicativa de enunciador para com o enunciatário, atribuída ao contrato veridictório partindo de discursos manifestados, propôs a leitura da ruptura do contrato que reverberou na disjunção entre os actantes e na interpretação do discurso contraditório, sobrepondo um fazer persuasivo que afeta negativamente a ideologia dos sujeitos.

Para Greimas (2014), o rompimento provém de um estado passional pelo qual sujeito é fortemente modalizado para se frustrar-se, sendo que “[...] frustrado quer dizer ‘privar alguém de um bem, de uma vantagem, disjungi-lo ou mantê-lo em disjunção com um objeto de valor’” (GREIMAS, 2014, p. 235). Conclui-se, pois, que a timia do sujeito torna-se disfórica porque é resultante de uma decepção que outrora fora estabelecida por um contrato de confiança, mas descoberto o *falso* discurso foi-lhe negado pelo outro sujeito (anti-actante).

Os textos escritos por Barreto (2010) são altamente figurativos e propõem a reflexão sobre o “espaço” social ocupado por “homens”, além de se lançar sobre a problemática das dificuldades de convivência sob regras distintivas. O autor discursa sobre a ruptura de paradigmas concretizados a fim de levar seu leitor a transcender uma ideologia dominante, existente e arcaica.

## Referências

BARROS, D. L. P. de. *Teoria semiótica do texto*. 4ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

\_\_\_\_\_. *Teoria dos discursos*. São Paulo: Editora Humanitas, 2002.

FIORIN, J. L. *Elementos de Análise do Discurso*. 14ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. Enunciação e Semiótica. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM*. Rio Grande do Sul. n.33, p.69-97, 2006.

GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido II: ensaios semióticos*. São Paulo: Editora EDUSP, 2014.

GREIMAS, A. J.; COURTÈS, J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.

SCHWARCZ, L. M. *Contos Completos de Lima Barreto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BARRETO, A. H. L. Harakashy e as escolas de Java. In: SCHWARCZ, L. M. *Contos Completos de Lima Barreto*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 152-161, 2010.

\_\_\_\_\_. Um músico extraordinário. In: SCHWARCZ, L. M. *Contos Completos de Lima Barreto*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 212-217, 2010.

Recebido em: 17-08-2018.

Aprovado em: 17-06-2019.